

Trabalhos sobre linfoma não-Hodgkin e demência entre os premiados

21/11/19 07:24 · Há 9 Horas por Lusa

As bolsas, atribuídas pela farmacêutica Gilead, apoiam com 330 mil euros oito projetos de investigação científica e cinco de intervenção comunitária, nas áreas de hemato-oncologia, doenças hepáticas virais e metabólicas e infeção VIH/sida.

Joana Dias Gomes, veterinária e investigadora da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, coordena um trabalho que visa desenvolver um tratamento direcionado e mais eficaz para o linfoma não-Hodgkin com recurso à nanotecnologia e biotecnologia.

Miguel Azevedo Pereira, investigador e professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, vai averiguar os motivos por que pessoas infetadas com o vírus da sida sofrem a prazo de demências e alterações cognitivas, apesar de o VIH infetar poucas células do sistema nervoso central.

Na área da investigação foram ainda financiados trabalhos liderados pelos cientistas Paula Macedo (Universidade Nova de Lisboa), Maria do Carmo Fonseca, Amélia Chiara Trombetta e João Forjaz Lacerda (Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes), Carlos Penha Gonçalves (Instituto Gulbenkian de Ciência) e Cristina João (Fundação Champalimaud).

No campo da intervenção comunitária, a Gilead decidiu apoiar este ano projetos da Fundação Portuguesa "A Comunidade Contra a Sida", do GAT - Grupo Português de Ativistas sobre Tratamentos VIH/sida, da Associação de Infeciologistas do Norte, da Bué Fixe - Associação de Jovens e da Associação de Intervenção Comunitária, Desenvolvimento Social e de Saúde.

As bolsas, que contam com o alto-patrocínio do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, serão entregues hoje em Lisboa.

O linfoma não-Hodgkin é um tipo de cancro que surge no sistema linfático, em que as células de origem do cancro são os linfócitos, células que habitualmente defendem o organismo contra infeções e doenças quando são saudáveis.

A equipa de Joana Dias Gomes propõe-se desenvolver e testar, primeiro em culturas de células e depois em ratinhos com linfoma não-Hodgkin, um tratamento mais eficaz e seguro para os doentes através de um "sistema de entrega de medicamentos" direcionado para as células tumorais.

Recorrendo à nanotecnologia e à biotecnologia, o grupo de trabalho vai produzir imunolipossomas, vesículas (estruturas celulares) feitas num material biológico que "engana" o sistema imunitário mas que incorpora medicamentos que vão atuar especificamente sobre as células tumorais sem afetar as saudáveis.

Em declarações à Lusa, Joana Dias Gomes, que se especializou na investigação em ciências biomédicas, explicou que estas vesículas (pequenas estruturas que existem dentro de células) vão ter à superfície duas substâncias que vão "direcionar a terapêutica" contra o linfoma.

Uma das substâncias é um anticorpo contra o "recetor CD-22", um recetor tumoral que "está